

## ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE SEXUALIDADE EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Gabriela Maria Dutra de Carvalho<sup>1</sup>  
Vera Márcia Marques Santos<sup>2</sup>

### Resumo

Este texto teve como objetivo proporcionar reflexões sobre aspectos relacionados à sexualidade, aos afetos e desafetos em diferentes relacionamentos, os quais poderão estar mais evidentes em um contexto de isolamento social. Sendo a sexualidade dimensão humana, levantaram-se questões voltadas para grupos familiares com crianças e adolescentes, com temas relativos às curiosidades e manifestações dessas faixas etárias, à sexualidade do casal e à violência doméstica e sexual, sofrida por muitas mulheres neste período. Está fundamentado em estudos sobre sexualidade sob uma perspectiva emancipatória, embasada nos postulados de Freire, por meio de indicadores como humanização e liberdade, transformação e utopia, principalmente pelo diálogo, assim como nos estudos de outros estudiosos dessa área.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Educação sexual. Isolamento social.

## SOME REFLECTIONS ABOUT SEXUALITY IN TIMES OF SOCIAL ISOLATION

### Abstract

This paper aimed to provide reflections on some aspects related to sexuality, affections and disaffections in different relationships which may be more evident in a context of social isolation. Since sexuality is a human dimension, it was decided to raise questions focused on family groups with children and adolescents, addressing issues related to the curiosities and manifestations of these age groups, the couples sexuality and the domestic and sexual violence suffered by many women in this period. It was based on studies on sexuality in an emancipatory perspective, based on Freire's theoretical postulates, through indicators such as humanization and freedom, transformation and utopia, mainly through dialogue, and also in studies of other authors who study this area of knowledge.

**Keywords:** Sexuality. Sexual education. Social isolation.

<sup>1</sup> Doutora em Tecnologia Educativa (UMinho). Professora Efetiva na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Endereço postal: Av. Jornalista Rubens de Arruda Ramos, 2354, ap. 201, Florianópolis/SC. E-mail: [gdutradecarvalho@gmail.com](mailto:gdutradecarvalho@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação (UNISINOS). Professora Efetiva na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Endereço postal: Serv. Nelson Serafim Pereira, 272, Costeira do Pirajubaé, Florianópolis/SC. E-mail: [vera.santos@udesc.br](mailto:vera.santos@udesc.br)

## 1 Introdução

Todas as pessoas, desde a concepção e, com mais ênfase, a partir do nascimento, são seres sexuados e manifestam sua sexualidade das mais variadas formas, até mesmo quando se evita falar sobre esta dimensão humana, a sexualidade. Assim sendo, neste momento de isolamento social, questões relacionadas aos afetos nos diferentes relacionamentos, incluindo comportamentos sexuais infantis, podem envolver dúvidas e curiosidades que, nestes tempos, poderão estar mais evidentes. Esse contexto exige dos adultos nele envolvidos mais conhecimentos e sabedoria para lidar com tais acontecimentos.

Assim, dos estudos que se tem realizado e acessado, apresentam-se algumas reflexões, com destaque para a perspectiva teórica que embasa este trabalho de educação sexual: a **emancipadora**. Essa perspectiva

[...] é aquela que nos permite compreender a dinamicidade, a complexidade e a riqueza da sexualidade humana. Ela não está isenta de normas e limites que constituem os sujeitos, mas é combativa a qualquer forma de preconceito e discriminação; é política e pedagógica, pois todos somos seres políticos e pedagógicos. Por meio dela procuramos olhar o ser humano como sujeito em construção e em busca de sua identidade. (CARVALHO, 2019, p. 98).

A perspectiva emancipadora tem apoio nos postulados de Freire (1988). Esse autor oferece, em grande parte de seus escritos, subsídios teóricos que proporcionam ao educador a busca por um trabalho voltado às questões relativas à sexualidade humana de forma horizontalizada, dialógica e mais humanizada. A educação é um fenômeno humano e social e isso significa que todo ser educa e é educado nas relações sociais. Educar, segundo Freire (1988), é um processo de comunicação que visa despertar a consciência crítica diante das amarras opressoras, estabelecidas pelas relações de poder que impõem normas e condutas.

A educação está presente nas relações humanas e também envolve os processos de educação sexual. Nesse trabalho educativo, priorizou-se o diálogo como premissa fundamental para compreender o outro e ser compreendido, informar e ser informado sobre essa dimensão humana que é a sexualidade.

Outro aspecto importante dessa educação sexual, a partir de uma compreensão apoiada nos estudos de Freire (1988), está relacionado à ação que visa ao autoconhecimento e à reeducação da sexualidade daquele que educa e que é educado por outrem. Não há de se imporem valores, crenças e atitudes, mas que se rompam os rótulos e padrões pré-estabelecidos, construídos nas relações sociais. A educação, se for tomada numa perspectiva emancipadora, pressupõe cumprir com o papel de provocar mudanças. Através dela, educandos e educadores devem buscar juntos construir um conhecimento crítico sobre a sexualidade humana para darem novos significados às suas vivências. Estudos comprovam que as crianças e os jovens que vivenciam o diálogo sobre as questões relativas ao sexo e à sexualidade, com base no que preconiza a ciência, iniciam a vida sexual mais tarde, conseguem identificar situações de violência sexual e serão mais bem resolvidos em relação à sua sexualidade quando adultos do que aqueles que aprendem por meio de outros canais: por amigos, pela internet e redes sociais.

## **2 Os significados das palavras sexo e sexualidade**

Essas duas palavras e seus respectivos conceitos causam muita confusão. No senso comum, ambas são vistas como sinônimos, resumindo-se à contemplação dos órgãos genitais. Por tal fato, considera-se necessário dedicar um espaço para mostrar como se compreende/vivencia cada um dos conceitos.

Sexo é a marca biológica, hereditária. É a condição orgânica que define e diferencia a todos enquanto machos e fêmeas, seja em seres humanos, plantas ou animais. Além disso, é comum usar a palavra sexo para referir órgãos sexuais/genitais, ato sexual, conjunto de pessoas que pertencem a um mesmo sexo e, inadequadamente, usa-se como sinônimo de sexualidade.

Já a sexualidade é a marca humana, que acompanha a todos por toda a vida e que envolve valores relacionados à vivência do sexo, à identidade, aos papéis de gênero, à orientação sexual, ao erotismo, ao prazer, à intimidade e à reprodução. É vivida e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, comportamentos, práticas, papéis e relações. Se a sexualidade pode

incluir todas essas dimensões, nem todas elas são vividas ou expressas com tranquilidade e harmonia. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018), a sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais. Ela é construída a partir dos discursos que cada cultura elabora sobre a vivência do sexo.

É importante compreender esses conceitos, pois muita gente é contrária ao trabalho de educação sexual nos espaços institucionais de aprendizagem por ter como princípios que esse trabalho irá estimular a criança a uma iniciação sexual precoce, que irá erotizá-la ou incentivá-la a fazer escolhas acerca de sua orientação sexual. Esse trabalho, ao contrário do que pensa e defende o senso comum, vai proporcionar à criança, ao adolescente e também ao adulto uma abertura para todos falarem dos mais variados sentimentos, de seu corpo, de suas ansiedades, seus desejos, seus medos, suas expectativas e suas dúvidas, com responsabilidade e respeito. Isso, considerando-se que o trabalho de educação sexual aconteça em espaços formais e não formais de aprendizagem. Em qualquer tempo e lugar, todos são educadores sexuais quando se manifestam ou não sobre esse assunto.

Sobre espaços de aprendizagem em educação sexual, Freitas (2015) destaca que há diferenças na forma como os autores denominam espaços em que ocorre um trabalho de educação sexual, nomeadamente: Educação Sexual Formal, Educação Sexual Intencional, Educação Sexual Explícita, Educação Sexual Não Formal, Educação Sexual Informal, Educação Sexual Não Intencional e Educação Sexual Implícita. Dentre essas diferentes denominações, as mais encontradas na literatura são: Espaços Formais de Educação Sexual (ES), Espaços Informais de ES e Espaços Não Formais de ES. Segundo o levantamento feito por Freitas (2015), apoiada em diversos teóricos estudiosos da área, a ES Informal faz-se a partir do senso comum e está presente em diversas vivências do cotidiano, sem que se perceba.

Esse tipo de ES acontece por meio das coisas que se fala e pelas coisas que se cala; em todos os espaços sociais e por meio de todas as relações

interpessoais, em diferentes espaços, nomeadamente na escola, na família, na igreja, no bairro, nos clubes, por meio das mídias, das TICs, entre outros. Assim entendida, a ES corta transversalmente a história das civilizações, sendo os comportamentos sexuais, a vivência, assim como a expressão da sexualidade regulados em todas as culturas, tal como vários estudos antropológicos têm demonstrado (MALINOWSKY, 1973; MEAD, 1974; FREITAS, 2015).

Como esclarecido, o trabalho de educação sexual em casa pode acontecer de modo informal, formal ou oculto. A família é a primeira educadora sexual e, certamente, vai educar suas crianças e adolescentes de acordo com os princípios e valores que construíram e que acreditam ser o mais adequado. Porém, o discurso neste artigo não tem como base valores pessoais ou princípios religiosos, mas está apoiado em estudos científicos que visam problematizar os conhecimentos e valores que as famílias trazem consigo e que consideram importantes.

Essa educação, portanto, acontece tanto na família quanto na escola e em outros espaços sociais de aprendizagem, assim como nos espaços midiáticos. Ideologias, valores, pontos de vista, crenças e descrenças, apoiados no senso comum, fazem-se todos presentes no ambiente escolar, sem que se perceba, e contribuem de uma maneira muito significativa para o processo de construção de conhecimento dos estudantes sobre sexo e sexualidade. É o que se denomina de **currículo oculto**.

O currículo oculto é entendido como “[...] normas e valores que são implícita [*sic*], porém efetivamente transmitidos pelas escolas e que habitualmente não são mencionados na apresentação feita pelos professores dos fins ou objetivos” (MOREIRA, 2002, p. 140) porque o seu conceito aponta para o fato de que o aprendizado incidental, durante um curso, pode contribuir mais para a socialização do estudante do que para o conteúdo ensinado.

### **3 Manifestações e curiosidades de crianças e adolescentes neste período em que todos estão reclusos em casa**

Quando se aborda a casa, o lar, torna-se necessário falar em família, entendendo-a a partir de um olhar plural, ou seja, para uma instância que compõe diferentes arranjos e que estabelece relações internas de formas diferentes e específicas, que passa por alegrias, conquistas, mas também sofrimentos, perdas, dificuldades. Assim sendo, a família não é vista sob uma perspectiva sacralizada nem ideal, mas como entidade que se constrói em meio aos padrões estabelecidos e as resistências que a operam.

Nesse sentido, primeiramente, necessário se faz destacar que as configurações familiares são diversas. As crianças e adolescentes que estão em suas casas provêm de distintas formas familiares.

Segundo Kornatzki (2019, p. 35),

Família é uma instância social, um dispositivo a partir do qual se produz saber, poder e verdade. O que significa dizer que a família não é em si uma produção da natureza, família é antes uma produção cultural que envolve a construção de valores, de modos de ser, de se relacionar e também de amar. A família é uma produção que envolve a relação entre distintas instituições, normas, leis, valores, proposições filosóficas, morais, religiosas.

Estão em recolhimento ou deveriam estar, dentre outros, os mais variados tipos de família: a tradicional nuclear, constituída pelo pai, mãe e filhos/as, a monoparental, somente pai ou mãe com filhos/as; a homoafetiva ou homoparental, formada por casais do mesmo sexo; e a ampliada, constituída pelos parentes próximos com os quais a criança ou adolescente convive, entre outros arranjos. Ou seja, as famílias se constituem de modos diversos, tal como os próprios sujeitos.

Em um momento em que todos estão em casa, é muito importante que seja estabelecida uma rotina diária: horário para acordar, para levantar, para as refeições, para o lazer e também para as atividades escolares, que estão acontecendo por meio de uma educação denominada de remota, a qual vem sofrendo muitas críticas por muitos pais, mães e educadores.

Nessa rotina, as manifestações e curiosidades das crianças e jovens em relação a questões que envolvem a sexualidade ficam mais evidentes. Os responsáveis devem aproveitar essas ocasiões para desenvolver um trabalho de

educação sexual com seus filhos em uma perspectiva pedagógica destituída de mitos, tabus e preconceitos, contrária à repressão que visa à consolidação de crenças não respaldadas pela ciência. Tal tarefa ainda, por incrível que pareça, é difícil para muitos pais, mães e educadores em geral, pois a maioria teve uma educação sexual ocultada, não dialogada e repressora, muitas vezes respaldada por rígidos princípios religiosos.

Em todos os processos sociais, nas brincadeiras, na relação com os artefatos sociais e culturais, as crianças estão sendo produzidas cultural e socialmente. Nessa relação com o mundo, ela se questiona sobre a vida, sobre as diferenças de gênero, sobre seu corpo, sobre o corpo da mamãe ou do papai, ou das duas mães ou dos dois pais, sobre sua família, sobre a ausência do pai ou da mãe, brinca de namorar, experimenta objetos da mãe e ou do pai. Enfim, constrói conceitos, sentidos e significados em relação à sexualidade e ao gênero.

As crianças são interpeladas por inúmeras informações que produzem sua infância, sendo mobilizadas para formas de se comportarem conforme seu gênero. Pode-se pensar os brinquedos, livros, revistas, desenhos, filmes que são destinados a meninos e meninas e que colocam sobre eles e elas diferentes expectativas, papéis e funções sociais.

Ainda que existam várias infâncias, nesse período da vida, é bastante comum as crianças manifestarem suas dúvidas sobre sexualidade e gênero, assim como expressarem sua sexualidade de diferentes formas.

Conforme aponta Castro e Silva (2012, p. 219) sobre a importância de se possibilitar espaço para as crianças exporem suas dúvidas sobre a sexualidade, uma vez que pouco sobre elas se sabe,

No campo das sexualidades das infâncias pouco se sabe e nisto reside a possibilidade de muito a conhecer. Quando permitimos que uma criança reconheça que não sabe algo sobre a sexualidade, por suas perguntas, iniciamos a construção de lugares e saberes dela sobre e com ela mesma.

Dizer que a criança expressa a sua sexualidade não quer dizer que ela demonstra desejo sexual, ou que já definiu sua identidade/orientação sexual,

mas que ela constrói e expressa suas dúvidas e questionamentos, que ela descobre seu corpo pelo autoerotismo e também pela realização dos jogos sexuais, como ao brincar de médico, por exemplo (MAIA, SPAZIANI, 2010).

Assim sendo, a criança apresenta suas curiosidades e expressões em relação a temáticas da sexualidade e de gênero. Esses questionamentos, assim como as ações infantis de autoconhecimento do seu corpo, são percebidos pelos adultos de maneiras diversas. Nunes e Silva (2006) compreendem que as atitudes das pessoas, pais e educadores, em geral, podem ser metaforicamente classificadas em dois tipos, que denominam de **Pedagogia do bombeiro** e **Pedagogia do avestruz**. O primeiro é compreendido como um apagar de incêndio e possui caráter inibidor, que reprime, reprova (como ao dizer que a manipulação dos órgãos genitais é coisa feia, ou que pode provocar o aparecimento de verrugas nas mãos), e que busca associações místicas (como o caso de as cegonhas trazerem os bebês). No segundo tipo, para não responder aos questionamentos da criança, muda-se de assunto ou finge-se que não está vendo (em caso de autoerotismo), como o avestruz que enterra a cabeça na areia. Essas reações derivam do que foi socialmente construído em torno de formas de se falar sobre a sexualidade, de lugares próprios onde sobre ela se pode falar, de formas de olhar buscando os problemas a serem tratados.

A sexualidade no mundo ocidental, conforme aponta Foucault (2015), foi sendo higienizada e medicalizada, de forma que família e escola foram sendo construídas não como espaços de diálogo, mas como instâncias de vigilância e proibição. Por isso, hoje, há tanta dificuldade em se enfrentar a descoberta da criança sobre seu corpo e lidar com a expressão de suas dúvidas em relação a essa temática.

A seguir, são destacadas algumas manifestações e curiosidades possivelmente mais visíveis neste período de recolhimento e, depois, apresentadas sugestões de como lidar com essas questões de modo acolhedor e de acordo com o nível de compreensão da criança.

● **Manipulação dos órgãos genitais** – a criança, desde bebê, toca em todas as partes de seu corpo, incluindo os órgãos genitais. É comum, quando se troca a fralda, que ela leve a mão ao seu pênis ou vulva, por estar livre, seja por coceira, assadura e até por sentir uma sensação prazerosa. É agradável para ela tocar em todas as partes do seu corpo, incluindo os genitais. Conforme destacam Vergueiro e Galli (2010), é uma tendência os seres humanos repetirem as coisas que lhes são prazerosas. Quando o bebê descobre essas partes do seu corpo, toca-lhes num primeiro momento por acaso, ele volta a tocá-las porque lembra que sente prazer. Não se configura como masturbação, pois é um ato espontâneo e não intencional. A partir de um ano, é comum que algumas crianças manipulem com frequência suas genitálias, o que também não faz mal algum, é natural, é prazeroso, e não deve ser reprimido. Importa verificar se não há infecção ou machucado, e dizer que, como se trata de uma parte íntima, essa ação não deverá acontecer em presença de outras pessoas. Nesse momento, já se pode trabalhar a prevenção contra a violência sexual, explicando-se à criança que suas partes íntimas não deverão ser tocadas por qualquer pessoa, principalmente se lhe é pedido segredo sobre o toque. Para tal assunto, existem livros infantis muito interessantes, como o **Pipo e Fifi**, de autoria de Arcari (2020), dentre outros que estão disponíveis online.

● **Jogos sexuais** – referem-se às brincadeiras infantis que contemplam as curiosidades naturais relativas ao seu corpo. Os jogos sexuais mais comuns são: brincar – de médico, papai e mamãe, casinha, guerras, namoro; mostrar os genitais; fazer cócegas; beijar; assistir a filmes ou ir ao teatro em que há cenas de namoro, casamento, dentre outras. (SUPLICY, 1999; FÁVERO, 2003; NUNES; SILVA, 2006). A partir dos cinco ou seis anos, surge um intenso período de identificação dos sexos. É comum crianças quererem olhar a genitália de outras para observar as diferenças e até se tocar, brincar de papai e mamãe, de namoro, perguntar por que a vulva ou o pênis é diferente da de seus pais, por exemplo. Essas atitudes

e esses questionamentos são perfeitamente naturais e, diante dessas situações, a criança não deve sofrer repreensão, mas sim ser informada sobre as diferenças do corpo humano, aproveitando-se para trabalhar as noções de privacidade. Ações de repreensão e desaprovação deixam as crianças confusas e com medo, visto que não entendem o porquê da exclusão dos órgãos genitais no processo de tomada de consciência de seu corpo. Esses jogos sexuais, espontâneos e esporádicos, não devem ser nem estimulados nem coibidos, e fazem parte do processo de desenvolvimento psicossocial da criança. É importante salientar que, quando tais jogos acontecerem entre crianças com mais de quatro anos de diferença de idade (6 e 11, por exemplo) e tamanho, assim como se houver coação de um sobre o outro (pressão de uma criança sobre a outra, ameaça, suborno, manipulação), tais ações podem se configurar como violência sexual. Esses jogos infantis não acontecem de forma planejada, não geram medo nem ansiedade e não acontecem de forma contínua. Namoro? Crianças não namoram. Isso é um fato e namoro na infância não deve ser estimulado. Mas se deve observar atentamente e aproveitar esse tipo de expressão de sentimentos e valorizá-los. Pode-se e deve-se reconhecer e valorizar os sentimentos das crianças e compreender que elas não namoram, mas sentem afeto, um carinho especial por alguém de forma diferente do que sentem por outras pessoas. Isso faz parte da condição humana e não deve ser desconsiderado. Apenas se deve abrir espaço para o diálogo e deixar que a criança fale dos seus sentimentos, escutando-a amorosamente, sem valorizá-los ou desprezá-los. Os vínculos de confiança e a abertura de espaços de diálogo são construídos na infância.

● **Nudez em família** – cada família lida com essa questão à sua maneira. Uns se sentem confortáveis com ela, tomam banho e trocam de roupas diante dos filhos, mas outros têm dificuldades em agir dessa forma. Não há por que forçar uma situação para a qual a pessoa não se sinta confortável. Para quem se sente à vontade com a nudez, tudo bem, caso contrário, é

preciso agir naturalmente mantendo a privacidade que se julgar necessária. Contudo, para as crianças, isso é algo muito natural durante os três primeiros anos de vida. Elas não fazem julgamento moral acerca da nudez e tampouco exibem qualquer tipo de vergonha ou desconforto diante dela. É comum que surjam perguntas sobre o corpo humano sem distinções: cabelos, olhos, braços e órgãos genitais, e essas perguntas deverão ser respondidas com naturalidade e segurança. Por volta de cinco, seis anos, a criança poderá começar a manifestar algum tipo de recato (como querer tomar banho sozinha ou fechar a porta do banheiro quando usá-lo). Os adultos poderão aproveitar todos esses momentos de curiosidades para trabalhar com desenhos do corpo humano ou com livros infantis, para que sejam observadas as diferenças entre os sexos.

● **Expressões de gênero** – a partir dos três anos, a criança tem a capacidade de assimilar e compreender o que é ser um homem e ser uma mulher e, considerando-se que muitos outros valores são desenvolvidos até aos sete anos, é nessa fase que se deve mostrar a ela que há muitas maneiras de ser homem e de ser mulher, possibilidades que ultrapassam o modelo dito ideal que se tem imposto até os dias de hoje. Para isso, é necessário que educadores/as se engajem na desconstrução das normas que estabelecem na sociedade o que é próprio de menino e de menina, e na resignificação das formas de tratar o filho, a filha e os/as estudantes. Por mais simples que pareçam essas ações, elas influenciarão de modo significativo na maneira de a criança e o jovem compreenderem e assimilarem as diversas formas de ser homem e de ser mulher. Destacam-se algumas: falar com delicadeza ou firmeza tanto para os meninos como para as meninas; deixar que as crianças brinquem com brinquedos variados, menino pode brincar de boneca e de cozinhar, e menina pode brincar com bola e carrinho. Assim, ambos estarão preparados para ser pai ou mãe, lidar com filhos e filhas, cozinhar, dirigir e exercer a profissão que desejarem. Outra forma diferente de agir é permitindo a criança escolher a cor de roupa de que gostar. Azul e rosa são cores para qualquer gênero.

Assim agindo, educadores estarão oportunizando que seus filhos ou alunos tornem-se adultos conscientes de que são pessoas reais e sensíveis e estarão livres para fazer as suas escolhas e construir suas identidades. Outras ações que merecem ser observadas com atenção são empregos de palavras e gestos obscenos, e exibição dos órgãos genitais. Deverá haver diálogo sobre tais manifestações e não se fingir que não são percebidas. Também poderão surgir muitas perguntas fundamentais em relação à vida e à morte. De onde eu vim, como eu nasci, por que meu amigo tem dois pais, é certo homem namorar homem e mulher namorar mulher, por que a minha amiga tem a pele preta, como são feitos e como nascem os bebês? Para todos esses questionamentos referentes às diferentes configurações familiares, formas de amor ou diferenças étnico-raciais, há artefatos culturais infanto-juvenis, como livros, filmes, vídeos, desenhos, ilustrações, dentre outros, que ajudarão a família a responder com respaldo científico as curiosidades da criança. Ela deve receber informações reais, de acordo com o seu nível de compreensão. Assim sendo, estará mais protegida de terceiros que, muitas vezes, passam conhecimentos de forma equivocada e até nociva ao processo de formação sexual da criança.

● **Mundo virtual** – o computador, os *smartphones* e os *tablets* são, para muitas famílias, companheiros inseparáveis. As crianças e os adolescentes atuais são nativos digitais e recebem os mais variados tipos de informação acessando redes sociais, desenhos, jogos, *youtubers*, filmes e sites de pesquisa. Há de se verificar o que estão assistindo ou pesquisando, o que estão jogando e com quem estão conversando. Esse é um momento adequado para se jogar junto, perguntar como funcionam os jogos, assistir a alguns programas com os filhos e discutir sobre o que assistiram, colocando valores e pontos de vista. Se a relação dialógica se iniciar desde os primeiros anos de vida, será mais fácil obter informações dos filhos quando adolescentes, fase em que não gostam muito de pedir orientação aos pais. Nos sites de busca, é muito fácil encontrar pornografias, portanto deve haver monitoramento do que as crianças e os jovens estão assistindo,

e provocar-se o diálogo para obter informações. Há o relato de uma mãe que, ao assistir a um episódio do programa de televisão com o filho de dez anos, foi questionada por ele se o casal que estava em cena iria transar. Ela perguntou a ele se sabia o que era transar. O filho respondeu que sim e que nunca transaria porque é algo horrível. Ao questionar por que ele achava horrível, o filho respondeu que viu no Google, com um amigo que estava acostumado a ver transas ao digitar a palavra “transa” na janela de pesquisa. A mãe aproveitou para dar sua explicação sobre sexo pornográfico e não pornográfico. Há de se ter cuidado para que as crianças não aprendam sobre sua sexualidade por meio da pornografia, que não mostra afeto, estimula a violência e reforça uma sexualidade consumista e com corpos padronizados. A ausência de processos de educação sexual, seja em casa ou em outros espaços sociais, por certo, contribui para as situações que se tem acompanhado em notícias do momento, que relatam o aumento de casos de pedofilia na internet em tempos de Covid-19.

A vida de crianças, jovens e famílias em todo o mundo sofreu modificações. Há um esforço para cuidar dos filhos, manter o equilíbrio financeiro ou renunciar ao trabalho, o que gera um grande estresse. E, no meio disso tudo, tem-se informação de que os riscos relacionados à proteção para crianças estão aumentando, portanto é necessário que se observem como estão se comportando os jovens e as crianças, o que estão vendo, fazendo e assistindo para se poder intermediar de forma dialógica e compreensiva em prol da saúde sexual e integral dos filhos.

#### **4 Relacionamento de casais em tempos de isolamento social**

A busca de um equilíbrio é de extrema importância neste momento. Se ambos estão em atividades profissionais em casa, há de se estabelecer uma honesta divisão dos trabalhos domésticos com toda a família a fim de que ninguém fique sobrecarregado. Mais conversa e menos aparelhos celulares ligados é necessário. O WhatsApp pode ser usado em diálogos para resolver

conflitos e evitar bate-bocas. Se houver harmonia no cotidiano, as relações sexuais certamente ocorrerão de forma consentida e dialogada em momentos oportunos. As mulheres, durante milênios, foram meros acessórios do protagonismo masculino e, por isso, até hoje, têm dificuldade de revelar desejos e paixões. É a ocasião de mostrar que a sua existência não é para servir seus homens. Esse é o momento oportuno para começar a conversar com seus parceiros sobre as suas vontades, sejam elas coisas simples e corriqueiras ou grandes fantasias represadas. Todas precisam admitir que são seres sexuais, com necessidades físicas e psicológicas tão relevantes quanto a de qualquer homem. Há de se ter racionalidade e afetividade para lidar com o isolamento familiar de forma equilibrada em prol de um melhor bem-estar físico e sexual de todos e todas.

Outro aspecto a destacar nesses relacionamentos é aquele relativo à questão da violência sexual e doméstica sofrida por mulheres e crianças. Essas pessoas, por estarem em contato mais intenso com aqueles que são violentadores, estão mais suscetíveis aos seus assédios e práticas abusivas.

Para a delegada Raquel Kobashi (CARTA, 2020), que também é presidente do Sindicato dos Delegados de Polícia de São Paulo, o contexto da convivência forçada pode fazer com que os agressores sejam ainda mais intimidadores – afinal, eles estarão dentro de casa durante o dia inteiro. Para mulheres que convivem com agressores, ela recomenda que se faça a quarentena, se possível, com outros familiares – além, claro, da denúncia formal.

No canal de denúncias **Ligue 180**, administrado pelo governo federal, a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres anunciou um aumento de 17% no número de denúncias registradas pela plataforma no comparativo do começo e do fim do mês de março, período marcado por determinações de afastamento social em estados e municípios. Já a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro relatou um aumento de 50% nos casos de violência doméstica no estado durante os primeiros dias do período de isolamento por conta da pandemia.

Para emergências, é necessário ligar para a polícia no número 190. A mulher ou menina que sofrer algum tipo de agressão doméstica ou sexual pode

denunciar o fato e receber orientações através do **Ligue 180**, uma central telefônica de serviço de denúncias que funciona 24 horas por dia e que mantém o anonimato da vítima<sup>3</sup>. Vizinhos, conhecidos ou familiares que quiserem denunciar também são orientados por meio dessa central.

A crise do coronavírus não afetou as medidas protetivas de urgência, que podem ser solicitadas pela vítima ao delegado de polícia ou por meio do Ministério Público. Por lei, um juiz deve analisar o pedido em até 48 horas. A Lei Maria da Penha prevê violência física, emocional (como humilhações e chantagem), patrimonial (relacionada ao sustento da vítima e de possíveis filhos), sexual e moral (expor a vítima ou a vida do casal a terceiros, inclusive pelas redes sociais) como crimes que podem afastar o agressor do lar ou, também, assegurar a proteção da vítima pelo encaminhamento dela a um programa oficial.

Enquanto se percebe o crescimento do número de casos de violência doméstica no Brasil, vê-se também a inércia das políticas públicas no seu enfrentamento.

## 5 Famílias monoparentais e desafios em tempos de Covid-19

Aquelas famílias cujos filhos são criados somente pela mãe, certamente, estão sendo mais atingidas pelos problemas causados por isolamento. A antropóloga Diniz (2020) revela que a pandemia atinge de modo mais grave essas mulheres por se encontrarem em total desamparo em consequência da falta de proteção do Estado. Muitas mantêm seus empregos, outras perderam, e ainda perdem a ajuda de outras mulheres cuidadoras, que também perdem seus ganhos. Sem os equipamentos do Estado, como creches e escolas, elas ficaram sozinhas, e as que nunca estiveram sozinhas romperam seus laços com

---

<sup>3</sup> O Movimento das Mulheres Surdas tem exigido uma prática acolhedora às suas necessidades. O Disque Denúncia não acolhe as especificidades desse público. Políticas públicas pautadas em uma ética do cuidado ainda estão distantes. As mulheres com deficiência têm uma vulnerabilidade ainda mais ampliada diante dessas situações. Algumas campanhas têm ido ao encontro de soluções, mas ainda estão distantes de se efetivarem como políticas públicas. Enfatiza-se aqui que as diferentes intersecções produzem diferentes modos de opressão e de experiências de exclusão e violência.

os idosos, como os avós. Que tempo e paciência terão essas mulheres para olharem as manifestações sexuais de seus filhos e para sua própria sexualidade? Poderiam buscar relações virtuais, mas muitas nem têm internet e mal sobra tempo para as atividades laborais em casa e com o cuidado dos filhos. “A anomia social imposta pela pandemia amplificou a desigualdade de gênero para as mulheres da economia do cuidado e as abandonou”. (DINIZ, 2020, s/p).

## 6 Não se pode parar por aqui

Todos os seres humanos são seres sexuais, têm suas diferenças e, onde quer que estejam, levam sua sexualidade consigo. Portanto, em suas vidas doméstica, social e profissional manifestam suas crenças e seus valores construídos sócio-historicamente. Dessa forma, educa-se e se é educado sexualmente e, nesse processo educativo, postula-se por um trabalho que visa à emancipação do sujeito das amarras opressoras que o impedem de viver uma sexualidade livre de preconceitos e discriminações permeados de tabus estabelecidos pelos dispositivos sexuais construídos nas relações de poder.

A violência surge onde o diálogo não chega, onde não há espaço para o debate, onde não existe respeito. A violência vem da frustração, da raiva, da falta de entendimento, de autoconhecimento. Como educadores, pais e mães, é papel de todos respeitar e orientar alunos e filhos, como seres sexualizados que são, recebendo suas dúvidas e relatos com naturalidade, acolhendo as crenças e os valores já existentes, mas rompendo com a mistificação e a castração, e respeitando a liberdade e a natureza de cada indivíduo pelo simples direito de ser, cada qual com suas diferenças.

Para finalizar, apresenta-se a seguir o registro da avaliação de uma participante sobre a palestra “Algumas reflexões sobre sexualidade em tempos de isolamento social”, proferida durante o “Ciclo de Palestra online: Reflexões Interdisciplinares sobre a Pandemia”, que aconteceu na UDESC no dia 29 de abril de 2020, do qual resultou este texto:

O momento nos proporcionou importantes e necessárias reflexões sobre a sexualidade como dimensão humana, e como o senso comum



Unafce  
Unidade Acadêmica  
de Humanidades,  
Ciências e Educação



Criar Educação, Criciúma, v. 9, nº2, Edição Especial 2020 – PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

pode nos afastar dessa importante dimensão que nos diferencia de outros seres vivos que possuem sexo, mas desprovidos de racionalidade e afetividade. Nos parece importante e prudente, que tanto as famílias quanto os diferentes espaços sociais, imprescindivelmente a escola, possam tratar da sexualidade desprovidos de tabus e dogmas e, com isso, nos aproximar de um processo emancipador, onde escolhas possam ser livres e responsáveis.

Essa é uma luta de todos e ela continua em prol de um trabalho de educação sexual dialógico e libertador.

## Referências

ARCARI, C. Como falar de assédio sexual com as crianças? Rádio CBN – Programa ao vivo exibido em: 10 fev. 2018. Disponível em: <<https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/159547/como-falar-de-assedio-sexual-com-criancas.htm>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

CARTA CAPITAL. **Violência doméstica na quarentena:** como se proteger de um abusador? 29 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/saude/violencia-domestica-na-quarentena-como-se-proteger-de-um-abusador/>>. Acesso em: 20 abr.2020.

CARVALHO, G. M. D. **Educação e mídias:** as telenovelas e formação de professores em educação sexual. Tese (Doutorado em Tecnologia Educativa) – Universidade do Minho – Uminho, Portugal, 2019.

CARVALHO, G. M. D.; MELO, S.; MENDES, P.; SANTOS, V. **Caderno Pedagógico Educação Sexual:** interfaces curriculares. Florianópolis, Brasil: Udesc/Cead/UAB, 2012.

CASTRO E SILVA, R. As sexualidades e as infâncias nas(das) escolas de E(e)ducação infantil. In: RIBEIRO, C. M. (Org.). **Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da educação infantil.** Lavras: Universidade Federal de Lavras, 2012. p. 1-532.

DINIZ, D. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Notícias. **Mundo pós-pandemia terá valores feministas no vocabulário comum.** Publicada em: 13 abr. 2020. Disponível em: <<http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/site/materia/detalhe/48655>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FÁVERO, M. **Sexualidade infantil e abusos sexuais a menores.** Lisboa: Climepsi, 2003.



Unafce  
Unidade Acadêmica  
de Humanidades,  
Ciências e Educação



Criar Educação, Criciúma, v. 9, nº2, Edição Especial 2020 – PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 2. ed. Londrina, Brasil: Ed. da UEL, 2001.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, D. L. **Blended learning na formação contínua em educação sexual**: um estudo com educadores de infância e professores do 1º. CEB. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Lisboa - UL, Lisboa, Portugal, 2015.

GOLDBERG, M. A. **Educação sexual uma proposta, um desafio**. São Paulo: Cortez, 1988.

KORNATZKI, Luciana. **O dispositivo da família e a produção de subjetividades de membros de famílias homoparentais**. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande, 2019.

MAIA, A. C. B.; SPAZIANI, R. B. **Manifestações da sexualidade infantil**: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. Linhas Florianópolis, Online, v. 11, p. 53-67, 2010.

MALINOWSKY, B. **Sexo e repressão na sociedade selvagem**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MEAD, M. **Adolescência y cultura en Samoa**. Buenos Aires: Paidós, 1974.

MELO, S. M. M.; POCOV, R. **Caderno Pedagógico Educação e Sexualidade**, 2. ed., vol. 1, Florianópolis, Brasil: Udesc, 2008.

MENDES, P. O. S. P. P. **Compondo a cena de dissenso na retirada dos termos “igualdade de gênero e orientação sexual” do PNE 2014/2024**: uma crítica em torno do cenário em questão. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, Brasil.

MOREIRA, A. F. B. (Org.). **Currículo**: questões atuais. Campinas, Brasil: Papyrus, 2002.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**: polêmicas do nosso tempo. Campinas: Autores Associados, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. OMS retira transsexualidade da lista de doenças mentais. Países têm até janeiro de 2022 para se adaptar. Publicado em: 2018. Disponível em: <<http://portalcultura.com.br/node/49907>>. Acesso em: 22 abr. 2020.



Unahce  
Unidade Acadêmica  
de Humanidades,  
Ciências e Educação



Criar Educação, Criciúma, v. 9, nº2, Edição Especial 2020 – PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

RIBEIRO, P. R. M. A sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. *In*: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. (Orgs.). **Sexualidade e infância**. Brasília: MEC, 2005, p. 16-32; Bauru: Unesp, 2005.

RIBEIRO, P. R. M.; MELO, S. M. M. **Educação sexual no Brasil**: panorama de pesquisas do Sul e do Sudeste. São Paulo, Brasil: Cultura Acadêmica, 2009. p. 141-148.

SANTOS, V. M. M. **Pontes que se estabelecem em educação sexual**: um diálogo sobre a formação continuada e os saberes das práticas pedagógicas de professores no Brasil e em Portugal. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil, 2011.

SUPLICY, M. **Papai, mamãe e eu**: o desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos. São Paulo: FTD, 1999.

VERGUEIRO, F. V.; GALLI, R. M. M. Masturbação Infantil. *In*: SILVA, M. C. P. (Org.). **Sexualidade começa na infância**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p.75-81.

Recebido abril de 2020

Aprovado junho de 2020